

CASA: TERRITÓRIO DE SUBJETIVIDADES

Um percurso sobre sensibilidade e arquitetura nos condomínios fechados.

CAROLINA MAGALHÃES FALCÃO¹; EDUARDO ROCHA²

¹PROGRAU - FAURB - UFPel – carolcmfalcao@gmail.com

²PROGRAU – FAURB - UFPel – amigodudu@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte da pesquisa de mesmo nome que está sendo desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel, dentro da linha de pesquisa em Urbanismo Contemporâneo.

O tema central do estudo surgiu da pulsante necessidade de relações entre a arquitetura, a cidade e a vida humana. Através da valorização das experiências pessoais, das espontaneidades e originalidades de cada pessoa, de cada relação pessoal com suas moradias e suas formas de morar.

As realidades de projetar, pensar, criar invólucros para diferentes realidades. Projetar, morar é uma necessidade individual e muito particular para cada pessoa. Tem-se uma carga de desejos, de afectos, de sonhos e bagagens que precisam e vão morar nesta casa. Sempre há a necessidade de entender o que é subjetivo em cada pessoa. Muitas e muitas vezes o mais importante não é a cor da parede da sala de estar ou se a garagem era maior que o quarto.

Morar não é apenas se colocar em um recipiente existencial, é muito mais. Morar é um estado complexo de sensações que a cada um traz seus simbolismos, seus cruzamentos e costuras.

E foi toda esta carga de subjetividades arquitetônicas ou sensibilidades urbanísticas que me trouxeram aqui. Não podemos mais pensar somente na casa, sem pensar a cidade ou pensar a cidade sem olhar para as pessoas.

Hoje, na contemporaneidade não se pode descartar as relações espaços-temporais em prol apenas da apreciação estético-arquitetônica. Portanto aqui partimos em um percurso que vai do real para o abstrato, da rigidez formal da arquitetura e do urbanismo aos conceitos que extrapolam o concreto, dotados de valores simbólicos. Resignificar a arquitetura através das pessoas, através das complexidades e poéticas de cada lugar.

Da subjetividade arquitetônica, que ultrapassa as formas e as funções pré-determinadas, o estudo visa acolher e colher os processos que se encontram nas dobras, na sensibilidade das necessidades de cada indivíduo que se coloca em uma unidade de moradia coletiva – individual.

Através dessas indagações, da busca de respostas (in)concretas para entender a cidade a partir da arquitetura que chega-se ao complexo que é esta CASA: TERRITÓRIO DE SUBJETIVIDADES: Um percurso sobre sensibilidade e arquitetura nos condomínios fechados.

Todavia, o que se vê predominantemente é este receptáculo – a casa – como algo que comporta e suporta os acontecimentos do cotidiano. Transformar o que é concreto (arquitetura) em texto, descrever as suas formas, separando (ou não) o que é espacial do que é subjetivo, como algo que vai abrigar as pessoas e todas as suas formas de significar.

A palavra 'casa' pode sugerir, inicialmente, uma construção cujos espaços servem para atender à necessidade de abrigo que se pressupõe ser de todos os

indivíduos. Essa realidade física está longe de esgotar a amplitude do conceito naquilo de abstrato, de subjetivo, e até mesmo de concreto que ele envolve. Além de abrigo físico, no que consiste a ideia de casa?

A arquitetura e o urbanismo estão total e intimamente ligados com a vida humana; Citando Aristóteles: “A cidade é, por natureza, uma pluralidade; a cidade é composta de indivíduos, mas também de elementos especialmente diferentes: uma cidade não é formada de partes semelhantes.” portanto estão também ligados ao poder público, com a vontade coletiva pelo social, por uma diversidade de formas de morar e viver [n]a cidade.

Da mesma forma, as recentes ideias sobre o planejamento urbano vêm demonstrando que sem a participação social a implementação de um determinado plano em áreas urbanas se torna inviável e, de certa forma, “inaceitável ao tomar os moradores como objeto e não como sujeitos” (MARICATO, 2000: 180).

Aqui não se tem a pretensão de extinguir e reunir todas as teorias em torno da arquitetura, subjetividades e suas relações com a cidade e sim, sobrepor os conceitos forjados por vários autores, de várias áreas do conhecimento, pois a cidade não é feita somente por arquitetos e urbanistas. A cidade é formada por diversos personagens, todos àqueles que dela se utilizam, que nela percorrem.

2. METODOLOGIA

O objetivo desta pesquisa é apresentar uma análise de sistemas e métodos de projeto de Conjuntos Habitacionais contemporâneos, baseado nos dados que a realidade de cada pessoa, de cada unidade residencial vai apresentar, de acordo com suas adaptações da realidade.

Trata-se de uma investigação dos limites entre campos do conhecimento (filosofia e arquitetura) em processo de fusão. Advindos de um pensamento filosófico responsável por profundos deslocamentos de verdades históricas pertencentes as mais diversas áreas do conhecimento, os conceitos teóricos nos ajudam a pensar a realidade do que parece ser próprio da arquitetura.

Através da valorização da experiência pessoal, ou seja, a pesquisa se baseia na metodologia cartográfica, a partir do acompanhamento de processos cotidianos e modos de viver e morar.

Segundo KASTRUP (2012), a cartografia é um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção. De saída, a ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim.

Construir o conhecimento com e não sobre o campo pesquisado. Isto é, entrar nas casas das pessoas não apenas para compilar dados e sim para compor um território existencial, criando uma descrição própria e particular de cada casa, não apenas pelo número que a identifica, mas sim através da possibilidade de encontrar algo que não se procurava, entendendo assim seus processos, seus anseios e devires.

A metodologia cartográfica não coloca de lados opostos a teoria e a prática, a pesquisa e a intervenção, a partir dela o que se pode é deixar que o campo de estudo adentrasse o território do pesquisar- cartógrafo, fazendo com que este se deixe compartilhar e também seja objeto de sua pesquisa. Cartografar é sempre a

busca pela capacidade de composição de um ambiente, lugar, território existencial através da inserção ou imersão do pesquisador.

Cartografar é menos descrição de estados de coisas de que o acompanhamento de processos, é um mergulho na experiência. A cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação, tem sentido no acompanhamento de percursos, implicações em processos de produção ou conexão de redes. “Pois não é um ou outro, fixidez ou variabilidade, mas certos motivos ou pontos só são fixos se outros são variáveis, ou eles só são fixados numa ocasião para serem variáveis numa outra.” (Deleuze e Guattari, 1997).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao delimitar o recorte de atuação neste trabalho, o problema real de trabalho é deparar-se com a arquitetura e a cidade como objetos, personagens de reflexão. Permitindo assim fazer uma leitura do espaço urbano contemporâneo a partir das vivências cotidianas de cada pessoa com a cidade. Como essas pessoas se afetam com a cidade em que vivem e como esta cidade também afeta àqueles que nela se deslocam e vivenciam suas experiências. Uma comunidade que não conhece a si mesma e ao seu espaço, dificilmente poderá comunicar sua importância no contexto mais amplo da cidade, da sociedade.

É necessário que, mais facilmente e com maior segurança, saiba se reconhecer e proteger marcos importantes na paisagem. O processo de interpretação sócio espacial baseado nas comunidades atende desta maneira a uma necessidade cada dia mais comum do planejamento municipal de estimular nos cidadãos um sentimento de lugar, de apropriar-se da cidade, de transmitir seus valores, sua ecologia e sua história às gerações futuras.

Entender a cidade, suas formas de morar através da ótica da pessoa, gera muitas (In)conclusões, por isso de todas as possíveis justificativas para dar sentido a este trabalho – as paixões cotidianas, a vida na cidade, a casa, a cidade; às curiosidades que podem ser coletivas - tantos pensam a cidade, tentam entendê-la com suas complexidades, aqui optou-se por agenciar essa proposta pela ótica filosófica contemporânea, ou seja, pensar a problemática da arquitetura e suas estratégias pela proposta “deleuze-guattariana” de observar a vida. Parece ser possível afirmar a urgência de criarmos novos mecanismos de pensamento do espaço, neste tempo- espaço que somos imersos em categorias espaciais nunca antes pensadas.

4. CONCLUSÕES

Resultados que este trabalho deverá produzir é um pensamento arquitetônico-urbanístico que se volte para as pessoas, ou seja, onde o sentido de produzir arquitetura não esteja no espaço – cidade, pólis, ou na própria arquitetura, mas sim nas pessoas, nas suas ligações afetivas, e suas relações com o que as cerca.

Chegar à uma forma de projetar, de pensar arquitetura de uma maneira mais abstrata, sem perder tudo o que é concreto no ato de morar. Seja uma casa com apenas quartos, pois ali vivem somente pessoas que necessitam apenas desta casa para dormir, ou uma casa italiana, com uma cozinha e uma sala conjuntas, pois tudo se resolve à volta do fogão, isso precisa estar no DNA dos arquitetos.

Uma casa não é um somatório de linhas, com lugares estabelecidos, que depois viram tijolos e areia e pronto está feito. Uma casa é feita de vida.

Jacobs (JACOBS, 2011) volta a sua crítica aos pensadores, arquitetos e planejadores do desenho urbano, aqueles que seguem suas crenças e não desprezam conscientemente a importância de conhecer o funcionamento das coisas. A peça chave está em conhecer o funcionamento das coisas, conhecer o que se quer, não construir e sim contribuir seria o termo correto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, volume 1.** São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, volume 2.** São Paulo: Editora 34, 1995.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MARICATO, Ermínia. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias. In: ARANTES, Otília, VAINER, Carlos B., MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos.** Petrópolis: Ed. Vozes. 2000.
- PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia, ESCÓSSIA, Liliana da. [orgs.]. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção da subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2012.